

DÍZIMO: QUEM É O “DEVORADOR” DE MALAQUIAS 3:11?



É bastante frequente, em nossas igrejas, ouvir o argumento de que o cristão deve dar o dízimo, sob pena de ser amaldiçoado e destruído, financeiramente, por um demônio conhecido como “devorador”.

Mas, será que existe um demônio chamado “devorador”?

Visto que o trecho de Malaquias 3:11 é utilizado como apoio à teoria da existência desse ser perverso, o melhor meio para respondermos a essa pergunta é analisar o significado do termo “devorador”, nesse versículo.

“Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida. Por vossa causa, repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; a vossa vide no campo não será estéril, diz o SENHOR dos Exércitos.” (Malaquias 3:10-11)

Utilizando uma hermêutica saudável, logo fica claro que o termo “devorador” foi utilizado como recurso metonímico para designar as

pragas que assolavam as plantações daquela época: gafanhotos ou larvas.

O profeta Joel, por exemplo, classifica alguns gafanhotos como devoradores:

*“O que deixou o gafanhoto cortador, comeu-o o gafanhoto migrador; o que deixou o migrador, comeu-o o gafanhoto **devorador**; o que deixou o devorador, comeu-o o gafanhoto destruidor.”* (João 1:4)

O texto de Malaquias nos ensina, dessa forma, que Deus prometeu que repreenderia todas as pragas destruidoras de plantações, caso o dízimo fosse dado.

Mas alguém pode perguntar? Não poderíamos extrair um significado simbólico dessa passagem, de forma que pudéssemos enxergar no inseto devorador, a figura de um demônio?

Sabemos que a Bíblia é repleta de linguagem simbólica. Temos metáforas, parábolas, tipologia, etc. Sabemos, porém, que a linguagem simbólica predomina em alguns gêneros literários específicos, entre eles, a profecia e a poesia.

Acredito que, pela literalidade da passagem estudada, não há condições de ligar a figura do devorador a um demônio. Se algum leitor tiver argumentos que nos permita obter essa vinculação, ficarei grato caso possa demonstrar-nos.

Também existem objeções teológicas contra essa afirmação de que um demônio fica à espreita do crente, pronto para minar as suas economias, caso pare de dar o dízimo:

Como primeira objeção, a palavra de Deus nos afirma que o Senhor Jesus Cristo nos deu autoridade sobre os demônios: “*Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome, expelirão demônios...*” (Marcos 16:7) Talvez alguém diga que esse tipo de demônio não dá para expulsar quando o crente está em uma situação de desobediência. Sabemos, porém, que o nome de Jesus Cristo tem poder, e que até falsos cristãos são capazes de expulsar demônios usando o Seu nome. No juízo final, muitos dos que irão para o inferno utilizarão a desculpa de que expulsaram muitos demônios; apesar disso o Senhor dirá “não vos conheço”. Se há, portanto, algum demônio querendo arruinar a vida do crente, creio que, pelo poder da fé, ele seja capaz de expulsá-lo.

Não considero prudente utilizar os exemplos de Paulo e Jó para comprovar que os demônios, podem sim, atormentar o crente. Eles não foram atormentados por serem desobedientes, mas por serem obedientes. Além disso, no caso de Paulo, o mensageiro de Satanás que o esbofeteava bem poderia ser a representação das perseguições que ele sofria, levadas a efeito por homens que eram instrumentos de Satanás.

Como segunda objeção, particularmente, tenho dificuldades em entender que um cristão fique debaixo de maldição por não dar um dízimo. A Palavra de Deus declara a bendita condição daqueles que são filhos de Deus: eles são a bendita descendência espiritual de Abraão, estão assentados nas regiões celestiais, são sacerdócio santo, são novas criaturas, foram resgatados da maldição da lei, foram transportados do reino das trevas para o Reino de Deus; todas as coisas contribuem para o seu bem, etc.

Eu não acho plausível que Deus, depois de ter feito tanta coisa por nós, permita que uma maldição recaia sobre nossas vidas só porque não damos o dízimo. E o caso daquele que dá o dízimo num mês e no outro não dá? Ele é abençoado num mês e amaldiçoado no outro? Estou persuadido de que, para que o crente perca a sua condição de abençoado, há um longo caminho de desobediência para trilhar. Enquanto não chegar a essa triste situação, o Deus dos céus continua a considerá-lo com abençoado do Senhor.

A essa altura o leitor deve estar conjecturando o seguinte: o autor desse artigo certamente não é dizimista, caso contrário não estaria dizendo todas essas asneiras.

Ledo engano. Dou graças a Deus por que sou dizimista. Mas não fui persuadido a ser dizimista por causa de alguma ameaça divina que me deixou aterrorizado, a ponto de dizer: “ai meu Deus, se eu não der o dízimo o devorador vai acabar comigo!”

Acredito que a maioria dos dizimistas tem outros motivos para contribuir para a causa do Senhor. Assim como Abraão e Jacó, os servos do Senhor dizimam impulsionados por um imenso sentimento de gratidão por todos os benefícios que eles têm recebido do Senhor. Eu não conheço nenhum crente

que dê dízimo por medo. Todos os que conheço dão com coração voluntário e grato. Esse gesto, na maioria dos casos, é acompanhado por um sentimento de profundo amor para com Deus.

Finalizando, portanto, quero dizer que nossos pastores poderiam utilizar argumentos melhores para persuadir os crentes a darem o dízimo:

Em primeiro lugar, poderiam ressaltar a bondade de Deus em nossas vidas. Ele nos salvou, nos transformou, nos deu uma família, um emprego, saúde. Nada mais justo retribuir a todos esses benefícios em prol da obra do Evangelho.

Em segundo lugar, os pastores poderiam ser mais transparentes na administração dos recursos financeiros oriundos de dízimos e ofertas. Há igrejas em que o pastor não presta contas, e quando um membro pede para ter acesso aos dados financeiros, recebe a resposta de que quem dá o dízimo cumpre uma obrigação diante de Deus e não precisa depois ficar sabendo para onde foi a contribuição. Como os cristãos se sentirão impulsionados a dizimar numa situação como essas? A Igreja, pelo código Civil, é regida pelas normas que se aplicam a associações, significando, portanto que todo membro é um administrador dos bens da igreja. Ninguém vai continuar dando dízimo se perceber que os bancos da igreja continuam quebrados, que os banheiros são sujos, etc.

Em terceiro lugar, os pastores sempre têm o eficiente recurso de argumentar que a igreja precisa de dinheiro para cobrir gastos com construções, reformas, água, luz, etc. Podem ser também indicados, tanto os investimentos que foram feitos com as receitas arrecadadas, quanto aqueles que já foram planejados e que dependem de recursos para serem concretizados.

Certamente existem outras maneiras de persuadir aos crentes a darem o dízimo que não seja esse recurso terrorista. Sei que falar sobre dízimo sempre é algo muito delicado, pois gera sempre intensas discussões. Há muito debate sobre a licitude ou não da cobrança do dízimo. Fica claro, nesse artigo, o objetivo de não entrar na discussão desse assunto.

O meu objetivo foi inculcar, na mente de meus leitores, apenas esta idéia: se quer pedir aos crentes que dêem o dízimo, peça direito e sem violentar o texto bíblico.